

FLOR DO LÁCIO

Língua portuguesa convocou todas as palavras para uma assembléia geral. O motivo foi o veemente apelo que lhe fizeram alguns de seus súditos mais fiéis que se vangloriavam de conhecê-la por dentro e por fora.

Ela ia passando faceira em seu gingado natural, engordando uns quilinhos aqui, ao ingerir palavrinhas novas, e emagrecendo acolá como sói acontecer às línguas, que, sendo gulosas por natureza, alimentam-se de gregos e troianos. Mas os súditos fiéis interromperam sua marcha normal para reclamar a deformação que vinha sofrendo sua bela figura, causada, principalmente, por estrangeirismos abomináveis. A “mui fremosa senhora”, que muito vaidosa concordou com a idéia.

O planejamento do conclave ficou a cargo dos seus ministros: os Advérbios de Tempo, Modo e Lugar. Lugar determinou que a reunião realizar-se-ia na mansão verde-amarelo, por ser a maior de suas casa, e assim, poder acomodar todo mundo. Advérbio de Tempo determinou que a assembléia seria agora. Como Advérbio de modo, que muito mente, disse que estava doente, a forma do conclave ficou meio indefinida.

Houve convocação compulsória para os formadores da estrutura gramatical como os Artigos, as Preposições, as Conjunções, as Flexões, os Verbos Auxiliares e outros, todos soldadinhos pequeninhos, mas de tal eficiência que se constituem na guarda de sua majestade.

As Flexões, como se sabe, por serem sufixos, só têm um braço, o esquerdo. As interjeições, coitadas, formam uma classe marginalizada. Ficou determinado que elas se encarregariam dos *ohs* e *ahs* durante a sessão.

As demais palavras foram convidadas, mas não estavam obrigadas a comparecer. Assim, os Arcaísmos decidiram não ir por serem muito velhos.

No momento fixado foram chegando convocados e convidados.

Os Prefixos Gregos e Latinos, todos manetas, chegaram vestidos a caráter. Os Gregos com túnicas brancas e leves, um ombro descoberto, usavam sandálias com tiras cruzadas nas pernas. Os Latinos, muito romanos, usavam braceletes no braço que lhes restava, o direito, e à cabeça traziam coroas de louros. Eles tinham o ar de superioridade que só o poder consente.

Como são altivos esses Prefixos — todos metidos a besta e muito unissex. Tele mantinha um ar distante. O A grego tudo negava e o latino ora aproximava-se, ora afastava-se e, às vezes, também negava. *Anti* e *Ante* chegaram juntos, este último precedendo o primeiro, que, como o A grego, acima descrito, também é de oposição.

No momento certo, todos tomaram seus lugares. A tribuna de honra fora reservada para a nobreza. Latinos e Gregos ocuparam-na.

As palavras de origem latina constituíam a maior parte do plenário. As eruditas sentaram-se à frente; depois sentaram-se as populares. Em seguida sentaram-se as multinacionais: empréstimos franceses, muito perfumados por Dior; ingleses, usando sua melhor gabardina; italianos, quase todos muito musicais; e alemães, todos marciais. Os africanos de diversas regiões cheiravam a comida gostosa e coloriam o plenário com símbolos religiosos. Eu quase esquecia de dizer que, a um canto, estavam Açúcar, Alcatifa e outros árabes de turbante, alguns dos quais representantes da OPEP.

Lá em cima, na galeria, instalaram-se os neologismos, as siglas, as abreviações famosas. Nos corredores e escadas, sentadas pelo chão, estavam as gírias, bem *hippies*,

mal-comportadas como elas só — assobiando, conversando, mascando chicletes, fumando e botando cinza no chão.

Finalmente, foi aberta a sessão. Como Língua Portuguesa não havia tido a devida assessoria de seu ministro, Advérbio de Modo, não sabia bem como encaminhar os trabalhos. Um pouco titubeante, ela começou solicitando que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse. Foi um alvoroço. Levantou-se todo mundo. Só ficaram sentadas meia dúzia de palavras que, embora nuas, estava revestidas de muita brasiliade. Eram as de origem indígena. *Jacaré cutucou* jaguar e ambos riram da mancada da bela senhora.

Percebendo a sua precipitação, Língua Portuguesa pigarreou, pediu ordem no plenário e reformulou suas palavras, convocando a retirarem-se as palavras que não fossem legitimamente vernáculas.

Novamente deu confusão pela profusão de elementos que se levantaram, uns conformados, outros protestando veementemente. Alguns até alegaram pertencer à terceira ou quarta geração de aportuguesados e ter compatriotas com muito *status*, ocupando altos cargos governamentais e políticos e com poder econômico incontestável.

Língua Portuguesa pensou: “assim não dá”, e resolveu pedir que se apresentassem uma a uma as palavras estrangeiras para contar sua história. Assim, ela teria condições de julgar.

A primeira a apresentar foi Xícara, que disse ser uma *nauatl* pura, mas não sabia bem se do México ou da América Central (palavras não conhecem fronteiras). Disse que vivia bem em seu rincão natal, quando um espanhol dela usou e abusou. O mesmo fizeram muitos de seus companheiros que por ela se apaixonaram. Então, ela saiu de casa para viver com os espanhóis. Mas esses latinos volúveis logo se cansaram de sua beleza. Como estava longe de casa, ela entrou pela porta do Brasil, onde foi muito bem recebida, e assim foi ficando por aqui. Lembrou até que causou confusão na Academia Brasileira de Letras, quando discutiram sua grafia X ou CH. Então ela disse:

*Andei, virei, mexi e parei aqui
Sou tão vernácula quanto você
— sou um símbolo nacional
Quem me rejeitar
Xicrinha de café não vai tomar.*

Língua Portuguesa ficou perplexa. Não se havia dado conta de tão grande verdade. Concedeu imediatamente vernaculania à palavra. A aclamação foi geral.

Quem sabe devíamos tomar café em xícara com CH... Aí... Futebol, sempre com a bola no pé, deu com *foot* na *ball* e pediu a palavra. Levantou-se muito inglês, posudo, com respaldo do Banco de Londres e da rainha, e com aquiescência da seleção, reivindicando que já tinha grafia própria. Que mais lhe faltava? Disse que se fosse banido não mais faria jogo no Brasil.

*A gleba de pentacampeões explodiu.
Nesse momento, Ludopédio interveio:
“Vieste de longe, Oh Inglês,
Usurar o meu lugar
Tal qual fizeste às Malvinas
E eu, como é que vou ficar?”*

Língua Portuguesa, perdendo postura e a compostura, quase perdeu também o rebolado. Ficou nervosa, em menos de um momento, concedeu vernaculania à palavra.

O triunfo desses itens lexicais estimulou outros tantos. Piano levantou-se liderando seus compatriotas, alguns bem famosos como Chau e Pizza, e reivindicou para os italianos o direito à vernaculania.

O tumulto que se seguiu foi geral. Saionara, Sputinik, Garçom e muitas outras palavras, cada qual liderando um contingente de compatriotas, gritava por greve.

Língua Português ficou atordoada. Viu-se diante de uma guerra sonora tão calamitosa que, se não fosse controlada rapidamente, desencadearia uma mudez continental.

Muito doidona, enfurecida pela pressão dos súditos fiéis e vencida pelos argumentos incontestáveis dos componentes do seu próprio corpo, nomeou a Linguística por interventora. Esta, embora sob protestos, deu fim à baderna. Pôs os pontos nos iii, explicando à mui formosa senhora toda a complexidade de sua estrutura. Ela compreendeu. Sorriu, deu de ombros e, assumindo a sua própria natureza, dissolveu a assembléia. Os súditos mais fiéis ficaram a ver navios e a Língua evoluiu, entrando por uma perna de pinto e saindo por uma perna de pato...

A fábula acima serve para evidenciar que os empréstimos linguísticos são tão antigos quanto a história da língua, ou melhor, quanto à própria língua. Eles marcam as influências que uma determinada língua, veículo de uma cultura, sofreu através dos tempos, pelos elementos linguísticos estrangeiros que adotou, retrato dos elementos culturais diversos, que também importou.

Nota:

O texto acima da linha tracejada foi transcrito *ipsis verbis* do livro *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*, de Nelly de Carvalho, São Paulo: Cortez Editora, 2009, pp. 12-17.